

Saúde com dois boletins piora sua estatística

Saúde
001
Repo

Entre janeiro e abril deste ano ocorreram no Amazonas 163 casos de tuberculose, mas apenas nos meses de janeiro e abril (excluídos fevereiro e março) ocorreram no Amazonas 398 casos de tuberculose. Ambos os dados são da Divisão Nacional de Tuberculose e foram publicados em dois boletins estatísticos editados, ao mesmo tempo, pelo Ministério da Saúde.

Desde o mês de maio, o Ministério da Saúde tem dois boletins estatísticos paralelos e contraditórios: O Boletim Epidemiológico e o Boletim de Epidemiologia. A publicação de ambos não desperdiça apenas papel mas, segundo vários assessores do Ministério, está contribuindo para confundir ainda mais as insuficientes e confusas estatísticas de saúde do Brasil.

Confusão

O desentrosamento dentro do Ministério começou no início do ano, quando um grupo de três epidemiologistas, cedidos à Divisão Nacional de Epidemiologia e Estatística da Saúde, pela Fundação Serviço Especial de Saúde Pública, também do Ministério, resolveu em maio transformar o Boletim da Campanha contra a Variola no Boletim de Epidemiologia, destinado a fazer um registro semanal dos casos de doenças contagiosas de notificação compulsória ocorridos no Brasil.

A publicação do Ministério, mimeografada e de apresentação precária, já encontrou o Boletim Epidemiológico, impresso há quase sete anos, pela Divisão de Epidemiologia, Estatística e Informação da Fundação SESP, que conta atualmente com 800 fontes de informação e grande credibilidade entre os epidemiologistas.

O que os médicos não conseguem entender é a razão da existência, dentro do Ministério, de duas divisões de epidemiologia, o que pode levar a confusões. A qual das duas devem ser notificados os casos de doenças transmissíveis? Até o início do ano — com apenas a divisão do SESP editando um boletim — o índice de notificações já era considerado "mínimo" devido à ausência de médicos em 1 mil 895 dos 3 mil 949 municípios brasileiros e à falta de esclarecimento dos médicos, onde eles existem.

Apenas para exemplificar, 97% dos casos de sarampo (a quarta causa de morte entre nós) ocorridos no ano passado em todo o país deixaram de ser comunicados às autoridades sanitárias. Agora, com dois órgãos editando, a notificação deverá motivar ainda menos.

Exame

O problema dos dois boletins epidemiológicos está sendo examinado pelo próprio Ministro Paulo de Almeida Machado, que deverá optar pela manutenção de apenas um. Qual será o escolhido ninguém sabe informar. O da Fundação SESP, além da experiência maior, conta com uma apresentação mais apurada e uma equipe mais atualizada, já que a Fundação renovou-se, o que não ocorreu com o restante do Ministério.

Comparando os dois boletins notam-se discrepâncias até em dados relativos ao ano passado, o que — se-

gundo vários epidemiologistas — é "inadmissível." Assim, para o Boletim Epidemiológico, publicado nas semanas 33 e 34 (agosto) deste ano, houve em 1973, em todo o Brasil, 39 mil e 479 casos de tuberculose e 1 mil e 588 casos de poliomielite. Publicado nas mesmas semanas, o Boletim de Epidemiologia registra 39 mil e 921 casos de tuberculose e 1 mil e 440 casos de pólio, no ano passado.

As diferenças, ainda pequenas, ganham maior significação, se comparados os dados por regiões, publicados nos dois boletins.

QUADRO — I

POLIOMIELITE

REGIÕES	1973		1974	
	BE (*)	BDE (**)	BE	BDE
NORTE	99	50	1	3
NORDESTE	210	119	174	92
SUDESTE	1 018	997	119	192
SUL	71	62	23	62
CENTRO-OESTE	190	212	31	6
TOTAL	1 588	1 440	348	355

(*) BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO
(**) BOLETIM DE EPIDEMIOLOGIA

Na mesma semana terminada entre 17 e 24 de agosto de 1974 foram notificados 120 casos de pólio ao Boletim Epidemiológico e 30 casos ao Boletim de Epidemiologia.

QUADRO — II

TUBERCULOSE

(Dados da Div. Nac. de Tuberculose)

REGIÕES	1973		1974	
	BE	BDE	BE	BDE
NORTE	2 713	2 713	546	601
NORDESTE	17 022	17 289	4 345	3 706
SUDESTE	14 205	14 463	3 008	3 335
SUL	3 734	3 648	1 002	900
CENTRO-OESTE	1 805	1 805	373	558
TOTAL	39 479	39 921	9 274	9 100

Na semana terminada entre 17 e 24/9/74 o Boletim de Epidemiologia recebeu da Divisão Nacional da Tuberculose 2 mil 322 notificações de tuberculose e o Boletim Epidemiológico não recebeu nenhuma.

Deficiências

Mas a duplicidade de boletins é apenas um aspecto novo de uma velha realidade que afeta a estatística de saúde em nosso país. Assim, no ano passado ocorreram — segundo o próprio Ministério — 120 mil casos de tuberculose, mas o total de registros não chegou a 40 mil. A lepra, segundo os dados da Divisão Nacional de Leprosia, afeta 1,3 brasileiros em cada grupo de mil, mas a própria divisão admite que o total de leproso é o dobro.

Também ninguém pode precisar quantos casos de doença de Chagas (6,5? 8? 10 milhões de casos?) existem no Brasil e o mesmo ocorre com a esquistossomose, cujas estatísticas são estimativas atualizando velhas pesquisas de campo, imperfeitas e com mais de 25 anos.

Essas deficiências provocam alguns paradoxos. Assim, centros mais desenvolvidos como São Paulo e o Rio têm índices de doenças e mortalidades maiores do que os encontrados em ci-

dades mais modestas, o que significa apenas que a estatística nos primeiros centros é melhor.

Mas mesmo essa melhora está longe de dar a essas cidades uma estatística aceitável. Na atual epidemia de meningite, no Rio, estima-se que muitos casos — internados em clínicas particulares, principalmente na Zona Sul — não são comunicados à Secretaria de Saúde. Recentemente, em São Paulo, vários casos de poliomielite deixaram de ser comunicados às autoridades pelos próprios médicos encarregados de tratá-los.

O resultado disso é quase sempre má assistência médica e prevenção insuficiente. Para a própria Divisão Nacional de Tuberculose, dos 120 mil doentes que surgem anualmente apenas 50 mil são tratados e cerca de 30 mil morrem. Enquanto isso, nos anuários da Organização Pan-Americana da Saúde, nossos dados estatísticos figuram quase sempre como incompletos ou indignos de confiança.